NOTAS SOBRE A AUSÊNCIA: MOACYR FÉLIX NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA RECENTE

Diogo Cesar Nunes*

* diogodcns@gmail.com

Historiador; mestre e doutorando em Psicologia Social (UERJ); professor do UNIABEU Centro Universitário. Pesquisador do grupo de pesquisa Subjetividade, Narrativas, Imagens (PPGPS-UERJ/CNPq). Bolsista CAPES.

RESUMO: O presente artigo promove um breve levantamento historiográfico acerca das produções que tomam a poesia de Moacyr Félix como objeto de investigação. A constatação de certa carência de estudos sobre Félix na literatura recente provoca algumas reflexões sobre a historicização de textos poéticos, argumentando contra dada caricatura de “poeta militante” que possivelmente tenha despojado, até hoje, de estudos mais profícuos sobre sua poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Moacyr Félix; Historiografia Literária; Ausência.

ABSTRACT: This paper promotes a brief historiographical survey about the productions that take the poetry of Moacyr Felix as research object. The observation of a certain lack of studies on Felix in the recent literature causes some reflections on the historicizing of poetic texts, arguing against a certain caricature of “militant poet” who may have deprived to this day more fruitful research on his poetry.

KEYWORDS: Moacyr Félix; Literary Historiography; Absence.

*Destino. Que destino? Que fazer
contra estas sobras íntimas, tão minhas
como o tecido de mim próprio
preso em meus ossos, latejando um ser
de asas de sal mordendo um chão de ópio?*

Moacyr Félix

Em março de 1960, Antônio Olinto escreveu dois artigos n *O Globo* afirmando que Moacyr Félix, em *O Pão e o Vinho*, livro publicado no ano anterior, havia resolvido “parte da crise em que nossa poesia se perdeu nos últimos 15 anos”¹. Félix haveria superado a dicotomia entre duas “falsas gerações”, a chamada “geração de 45” (que estendeu sua influência sobre a poesia brasileira na década seguinte, acusada por Olinto de fazer reviver o parnasianismo) e o concretismo, “que criou em tempo recorde uma corrente acadêmica, cercada de normas, fechada em palavras-de-ordem, presa a ‘how-to-do-itismos’ mecânicos”. Ao lançar uma nova “feitura poética”, Félix estaria preparado para ter “influência na poesia de amanhã”: “de agora em diante, passa a ter importância em nossa literatura”.

Em 1977, ao compará-lo a Gonçalves Dias, Tristão de Athayde se perguntava se o então novo livro de Félix, *Canção do Exílio Aqui*, seria “o anúncio de uma nova fase em nossa poética”, se a poesia brasileira inauguraria “um novo ciclo em sua história”, tal qual teria acontecido com Gonçalves Dias

no século anterior com obra quase homônima. Considerado em 1962 por Ferreira Gullar, ao lado de Drummond, o melhor poeta brasileiro, e, em 1967, por José Paulo Netto, “o melhor poeta brasileiro vivo”, Moacyr Félix – em especial, sua poesia – foi objeto de análise, referência e deferência de destacados críticos e intelectuais brasileiros, como, fora os já citados, Antônio Cândido, Otto Maria Carpeaux, Leandro Konder, Antônio Houaiss, Fausto Cunha, Sérgio Millet e Moacir Werneck de Castro. Figura importante nos cenários intelectual, cultural e político carioca entre os anos 1950 e 80, além dos 13 livros de poesia publicados em 50 anos de produção literária², Félix participou ativamente em conhecidos veículos de produção e difusão cultural/intelectual, como a Rádio MEC, o IBESP (depois ISEB), o CPC e as editoras Civilização Brasileira e Paz & Terra.

Contudo, malgrado sua relevância nos meios supracitados, Félix e sua poesia não têm tido fortuna semelhante no universo acadêmico recente. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações não há qualquer referência ao seu nome. Ou seja, nenhuma dissertação ou tese catalogada na BDBTD tem Félix como objeto ou assunto. No portal *scielo*, o mesmo: nenhum artigo indexado sobre Moacyr Félix. No *google scholar*, um único artigo se encontra: *Utopia e Poesia em Moacyr Félix*, do amigo, professor e também poeta Luiz Carlos Lima, publicado em 2005, à ocasião da morte de Félix – texto que, todavia, retoma reflexões originalmente proferidas em palestra na FUNARTE

1. Os artigos em questão, como os demais citados na sequência, foram publicados na Antologia Poética de Moacyr Félix, realizado pela editora José Olympio: FÉLIX. Antologia Poética, p. 271 et seq.

2. O primeiro livro, *Cubo de Trevas*, data de 1948, e o último, *Introdução a Escombros*, de 1998.

3. FÉLIX. Ênio Silveira.

4. PEREIRA. Negociação e conflito na construção das poéticas brasileiras contemporâneas, p. 32.

ocorrida no ano de 1997. Rastreando citações, encontra-se algumas poucas referências, a maioria tratando da *Revista Civilização Brasileira* e/ou da *Encontros com a Civilização Brasileira*, das quais foi editor e diretor – neste sentido, seu livro sobre Ênio Silveira³ é citado em duas dezenas de trabalhos. Além dessas, 13 referências à coleção *Violão de Rua*, da qual participou como poeta, organizador e editor, entre 1962 e 63, e 3 citações à coletânea *41 Poetas do Rio*, que organizou junto à FUNARTE, em 1998.

Um único artigo no *google scholar* toma a poesia de Moacyr Félix como objeto parcial de análise no curso do seu argumento. Nele, Edmílson de Almeida Pereira (poeta e professor de literatura da Universidade Federal de Juiz de Fora), avalia a poesia contemporânea brasileira à luz de questões étnico-raciais. No decorrer do texto, dois poemas de Félix aparecem: *Dialética* e *Sons para Lumumba*. No primeiro momento, o autor enquadra a obra de Félix no termo “poesia cepecista” (referência ao CPC, Centro Popular de Cultura, que Félix ajudou a criar e ao qual se vincula *Violão de Rua*), afirmando que “na medida em que o discurso cepecista celebrou a fraternidade dos homens em luta pela liberdade restringiu o espaço para que os afrodescendentes apresentassem suas demandas específicas”⁴. No momento seguinte, ao citar o segundo poema, o autor parece dar passo atrás à crítica e afirma a existência de “um discurso que pretendeu abarcar, ao mesmo tempo, a universalidade do engajamento social e a especificidade de suas manifestações no processo

de luta dos afro-brasileiros contra o racismo e a exclusão social”⁵. De qualquer modo, não se trata no artigo de uma análise específica da obra de Moacyr Félix. Não obstante, os termos “poesia” e “discurso” “cepecista”, como argumentaremos, nos parecem demasiado reducionistas, tanto em relação a Félix quanto ao próprio CPC. Com efeito, haveria ainda de se questionar a mudança radical no teor da crítica, na passagem de um poema ao outro – poemas estes que se fazem sequência no livro *Um Poeta na Cidade e no Tempo*, escritos na mesma época⁶.

Se na *Apresentação da poesia brasileira*, de Manuel Bandeira, cuja última edição revista pelo autor data do início da década de 1960, o nome de Moacyr Félix é ausente, ele é citado em *A Literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho, e lançada em 2001 por Eduardo de Faria Coutinho, numa lista de poetas pertencentes à “geração de 45”⁷, e figura entre *Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século*, de José Nêumanne Pinto⁸. Em *História Concisa da Literatura Brasileira*, originalmente de 1994, Alfredo Bosi cita Félix (tendo escrito Moacyr em vez de Moacyr) duas vezes num mesmo trecho, intitulado *Ferreira Gullar. Poesia Participante*. Na primeira, referência a *Um Poeta na Cidade e no Tempo* numa pequena lista de livros de “poesia voltada para as tensões sociais” que teriam ajudado a definir “uma das componentes centrais do clima literário nos anos 60”⁹. Na segunda, pouco mais adiante, a referência a Félix se deve a citação à coleção *Violão de Rua*,

5. PEREIRA. Negociação e conflito na construção das poéticas brasileiras contemporâneas, p. 34.

6. O livro em questão foi publicado em 1966, contendo reedições de obras anteriores e poemas inéditos, dentre os quais *Dialética* e *Sons para Lumumba*, escritos entre 1960 e 66. Não sabemos a data da escrita do primeiro poema, mas *Sons para Lumumba* é de 1961, e foi originalmente publicado em 1962 em: FÉLIX. (org.) *Violão de Rua*, p. 50.

7. COUTINHO. *A Literatura no Brasil*, p. 371.

8. PINTO. *Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século*, p. 247.

9. BOSI. *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 473-474.

10. BOSI. *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 474.

11. FRANCHETTI. Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa, p. 273-274.

12. ROLLAND et all. L'intellectuel, l'État et la nation: Brésil – Amérique Latine – Europe, p. 266.

13. PÉCAUT. Entre le Peuple et la nation: Les intellectuels et la politique au Brésil, p. 95-127-138-143-159-190-191.

14. PICCHIO. La Littérature brésilienne, p. 120.

15. BOURJEA. Anthologie de la nouvelle poésie brésilienne, p. 89-102.

“em que colaboraram desde clássicos da literatura contemporânea, como Joaquim Cardozo e Vinícius de Moraes, até poetas que estrearam em torno de 45, como Geir Campos e José Paulo Paes, e mesmo alguns mais recentes, como Félix de Athayde, Moacir Félix, José Carlos Capinam, e outros”¹⁰.

Félix também é lembrado, *en passant*, por Paulo Franchetti, em seu *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*, no último capítulo *Pós-Tudo: a poesia brasileira depois de João Cabral*, como pertencente ao “outro lado da Geração de 45”. Caracterizado como integrante da “vertente socialmente empenhada da geração de 45”, da “poesia participante”, Félix é citado, ao lado de Thiago de Melo, como dispondo de “público fiel e relativamente amplo”, e, logo adiante, na referência ao CPC¹¹. Seu nome também aparece em algumas publicações francesas, como *L'intellectuel, l'État et la nation*¹², *Entre le Peuple et la nation*, citado várias vezes pelo seu trabalho como editor e como organizador de *Violão de Rua*, no contexto das relações entre Estado e intelectuais nos anos 1950 e 60¹³, *La Littérature brésilienne*, em que aparecem referências a *Violão de Rua* e ao livro *Canto para as Transformações do Homem* como “porteur d’une esthétique touchée par l’existentialisme sartrien”¹⁴, e *Anthologie de la nouvelle poésie brésilienne*, organizada por Serge Bourjea, em 1988, tendo lhe sido dedicado capítulo exclusivo de 13 páginas¹⁵, logo após 25 páginas consagradas a Affonso Romano de Sant’Anna.¹⁶

Assim, certo ocaso do nome de Moacyr Félix na crítica e na historiografia da literatura recentes não pode deixar de ser notado e provocar algumas inquietações. Não que Antônio Olinto e Tristão de Athayde estivessem (ou tivessem que estar) certos ou errados ao prenunciar o futuro de Félix, mas que há algo de considerável no abismo que divide aquelas expectativas do destino que se lhe vem desenhando nas últimas duas décadas. Este ocaso pode ser notado, decerto num desenho superficial, em análises do próprio Olinto. Vinte três anos depois dos artigos n *O Globo*, Olinto citou a obra de Félix, sem maiores análises, como “poesia que busca pelo ser”¹⁷, ainda se referindo a ela como tendo levado, junto de Paulo Mendes Campos, Fernando Mendes Viana, Nauro Machado e Otávio Mora, “a novos planos o fazer poemas nesta parte da t[T]erra”¹⁸. Década depois, contudo, em sua *Breve História da Literatura Brasileira*¹⁹, Moacyr Félix não é citado.

Com efeito, o que mostra a investigação até o momento é que nos últimos 20 anos, somente dois livros tomam sua poesia como objeto destacado de reflexão. O primeiro, *Seven Faces – brazilian poetry since modernism*, de Charles Perrone, publicado pela Duke University, em 1996. Nele, Félix aparece no terceiro capítulo, *The Social Interpretative: Violão de Rua and politics of poetry in 1960's*, como organizador e autor da série *Violão de Rua*, de certo modo submetido e

16. Moacyr Félix é citado em outras publicações francesas, com destaque revistas de estudos literários: *Courrier du centre international d'études poétiques*, 1981; *Reveu Europe*, 1982; *Le Scarabée international*, 1983; *La Quinzaine littéraire*, 1987; *Les Langues néo-latines*, 1996 (Félix aparece na seguinte frase: “Il arrive même qu’un poète se déclare en rupture avec sa propre génération. C’est le cas de João Cabral de Melo Neto et, plus radicalement, de Moacyr Félix, pour ce qui est de la génération de 45”); e *Mercur de France*, que, em 1951, no volume 313 organizado por Alfred Louis Edmond Vallettee, cita o livro *Lenda e Areia*, lançado no ano anterior – antes, portanto, de Félix publicar suas obras mais conhecidas.

17. OLINTO. A Invenção da Verdade, p. 126.

18. OLINTO. A Invenção da Verdade, p. 202.

19. OLINTO. Breve História da Literatura Brasileira.

20. PERRONE. Seven Faces – brazilian poetry since modernism, p. 67-86.

“enquadrado”, outra vez, ao CPC²⁰. Ou seja, ainda que ensaie um mergulho mais profundo nos atravessamentos entre as dimensões poéticas e políticas em Félix, o objeto de reflexão do capítulo é a “poesia política” do CPC, donde “emergem” referências à sua poesia, e não o contrário.

O segundo, sim, aborda a poesia de Félix sem enquadrá-la ao CPC, ainda que dedicando especial atenção a somente duas obras, *Canção do Exílio Aqui* e *Neste Lençol*, ambas de 1977. Trata-se de *Pelas Veredas da Literatura Brasileira*, de Antônio Hohlfeldt, publicado em 1994. Ao longo do terceiro capítulo, *Discutindo as relações entre literatura e violência*, Hohlfeldt analisa a poesia de Félix ao lado das de Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant’Anna e Carlos Nejar:

Como o leitor pode verificar, os quatro poetas agrupam-se claramente em dois blocos de dois, quer pelas datas de nascimento, quer pela obra desenvolvida: de um lado, Moacyr Félix e Ferreira Gullar; do outro, Affonso Romano de Sant’Anna e Carlos Nejar. Constituem eles, em largos traços, a importante contribuição poética brasileira que se segue aos grandes poetas contemporâneos nacionais, que são Carlos Drummond de Andrade (da geração de 30, mineiro de Itabira), Mario Quintana (estreante de 1940, gaúcho de Alegrete) e João Cabral de Melo Neto (da chamada geração de 45, natural do Recife). Com Thiago de Mello, amazonense, Lindolf Bell, catarinen-

se, e Macrus Accioly, pernambucano, são esses os nomes que maior contribuição têm dado, ao meu entender, ao desenvolvimento da poesia brasileira, intimamente ligados a uma dicção nacional que os diferencia, e por isso mesmo os integra, ao panorama mundial da expressão poética.²¹

Importantíssimo, contudo, notar que parte considerável das análises da poesia de Félix empreendidas por Hohlfeldt neste livro encontra-se no artigo escrito pelo autor em 1978 no *Correio do Povo*, chamado *Das ruas ao lençol, o homem inteiro*²². Outra nota importante é que o trabalho comparativo entre os quatro poetas em questão foi publicado como artigo originalmente, em 1982, na *Europe, Revue Littéraire Mensuelle*²³. Ou seja, no livro publicado nos últimos 20 anos que contém algum exame da obra poética de Félix – que vai além da mera referência ao seu nome e não a limita ao CPC –, a análise propriamente dita, ainda que ampliada em 1994, data das décadas anteriores.

Assim, exceções feitas a estas destacadas referências, e à parte pesquisas e produções interessadas nas revistas da Editora Civilização Brasileira e no CPC, Moacyr Félix é quase um ausente no debate crítico e na investigação da história da poesia e da literatura brasileiras nos últimos vinte anos. Nossa primeira suspeita é que “o primeiro poeta brasileiro a ter sua voz lançada ao universo” (a convite do governo soviético, em 1986, nas comemorações pelos 25 anos da subida

21. HOHLFELDT. *Pelas Veredas da Literatura Brasileira*, p. 130.

22. Também este artigo foi publicado em FÉLIX. *Antologia Poética*, p. 296-300.

23. HOHLFELDT. *Four Modern Brazilian Poets*.

24. Transcrevo a nota de Fátima Pires dos Santos, editora da Antologia Poética, ao poema Saudação a Gagarin e ao Futuro: “No dia 12 de abril de 1986, a convite da Agência Novosti, Moacyr Félix fez um poema especial para a comemoração dos 25 anos da subida ao espaço de Yuri Gagarin, o primeiro cosmonauta do mundo. Este poema foi lido pelo próprio autor, em ligação direta do Rio de Janeiro, para a espaçonave soviética Myr, então na órbita da Terra, e traduzido simultaneamente para toda a então União Soviética. O Brasil teve assim o primeiro poeta a lançar sua mensagem de paz através do infinito espaço”. In FÉLIX. Antologia Poética, p. 270.

ao espaço de Yuri Gagarin)²⁴, tenha acabado parecendo aos olhos da crítica como poeta “datado” a um mundo que deixou de existir tão logo o muro tenha caído e com ele o “processo histórico” encontrado seu “fim”; tão logo “cosmonauta” tenha entrado para o dicionário de termos em desuso, substituído categoricamente por “astronauta”.

Com efeito, questionar o silêncio não há de ser das tarefas mais simples. Pois inverificável, nossa suspeita não haverá de formar uma hipótese. De qualquer modo, tal suspeita/especulação não é de todo infundada, por pelo menos dois motivos, aqui já expostos – que, de certo modo, se entrecruzam. Primeiro, a poesia de Félix aparece majoritariamente vinculada ao CPC, e, assim, como poesia “participante”, das “tensões sociais”, “marxista” e “engajada” (mesmo que quase sempre sem maiores definições do que seja o termo). Segundo, parte considerável das produções que citam seu nome o faz por conta do seu trabalho como editor e diretor das revistas *Paz e Terra*, *Encontros com a Civilização Brasileira* e, principalmente, da *Revista Civilização Brasileira*. Se, decerto, ambos os caminhos revelam objetos de pesquisa de certo modo solidificados, com “terrenos” habitados por bibliografia atual, e determinado “rastro” de discussão mais facilmente identificável, revelam também alguma estreiteza de leitura da obra de Félix, deixando de fora, ausentes, outros tantos elementos e problematizações (tão ou) mais relevantes e pertinentes.

Assim, cremos que o diagnóstico apresentado por Antônio Carlos Secchin, em *Poesia e Desordem*, de 1985, permanece atual: “A obra de Moacyr Félix costuma ser alvo de restrições, sobretudo por parte de quem nunca a leu. Proveniente, talvez, do conhecido ideário político do autor, agregou-se ao poeta o mito de um esquerdismo sectário”²⁵. Nada, pois, mais equivocado. Por um lado, a lembrança de Félix como editor no mais das vezes obscurece sua poesia, e, por outro, o “aparelhamento” da sua obra poética ao plano político e estético do CPC, sugerido e afirmado em larga escala, deixa escapar que, embora “esquerdista”, por assim dizer, não há qualquer sombra de sectarismo em sua poesia. Um dos motes mais distintivos do CPC, a ideia de que caberia ao intelectual/artista “desalienar” as massas, sugere certa posição (estética, ética, política e existencial) completamente ausente em sua poesia: a de que o poeta sabe *o quê* e *como* fazer para tirar as massas da condição de alienação e submissão.

Com efeito, a ausência de qualquer inclinação autoritária e/ou profética na poesia de Félix pode ser entendida como uma de suas marcas. Na medida em que poeta que “pergunta pelo ser”, como disse Olinto, que portador “d’une esthétique touchée par l’existentialisme”, como escreveu Luciana Picchio, sua filiação ao marxismo, embora em nada equivocada, faz aparecer à apreciação superficial a imagem de um engajamento mensageiro de certezas e respostas. Ora, é Hölderlin, e não Brecht, sua principal influência e com quem

25. SECCHIN. *Poesia e Desordem*, p. 117.

seus poemas mais travam diálogos; sua Esperança, traçada na leitura da filosofia de Ernst Bloch, não salta ao papel senão mediada pela crítica da cultura adorniana e pelo senso de catástrofe benjaminiano. Seu “espírito utópico”, assim, trava constante luta contra a melancolia desesperada, buscando afirmar a condição do poeta como aquele capaz de dizer a essência do homem, a liberdade, maior de todas as ausências – extraindo daí sua certeza declarada: a de que o homem e o mundo ainda não se realizaram. A substância da sua poesia é, digamos, filosófica, sem que uma se dissimule na outra²⁶. Sua dialética, que não é a das sucessões temporais teleológicas, tampouco da infra e da superestrutura, é das contradições insuperáveis (ou persistentes) que mediam a relação entre homem e mundo, fazendo com que homem e mundo sejam feitos de ausências. A escrita poética de Félix lança ao papel a Esperança, dando contornos de letras e versos à Utopia: o que representa e realiza a angústia primeira da inquietação utópica, compreendida em seu sentido blochiano, de se dar sempre parcialmente e, essencialmente, como negação. O poeta é “um agente de negação”, afirmou²⁷.

O artigo de Wilson Martins, *Novas Leituras de Poesia*, publicado no suplemento Ideias/Livros do *Jornal do Brasil*, em 1993, tem a seguinte chamada: “Mais que engajamento, os poemas de Moacyr Félix revelam um grande poeta”. Já estava aí, portanto, marcada certa necessidade de afirmar Félix

como poeta mais complexo que a ideia de “poeta engajado” pode sugerir:

Porque Moacyr Félix é um grande poeta, sem ser necessariamente, em todos os casos, um grande poeta engajado, já que este adjetivo, no vocabulário corrente, significa apenas estar engajado num partido ou numa ideologia, o que fragmenta e mutila, por definição, a universalidade, o ecumenismo psicológico e emocional, se assim me posso exprimir, que justifica, antes de mais nada, a poesia como literatura²⁸.

Em entrevistas e ensaios, Félix não escapou ao assunto, que lhe foi confrontado ao longo da sua vida como poeta. Contudo, parecia menos importante a noção de engajamento que a própria escrita poética: ora aceitava o rótulo “poeta engajado” ora o negava, no variar de significados que o significante pode apontar. Todavia, insistiu sempre em negar qualquer ortodoxia e vínculo institucional e em afirmar a necessidade da subjetividade como pedra-de-toque para qualquer poesia “verdadeira”. Ao fazer da subjetividade elemento fundante da sua arte, e ao defender insistentemente tal posição em termos teóricos, Félix escapa à caricatura do “poeta militante” partidário. Toda arte é social e, em última instância, política, mas a arte “válida” é aquela que “atravessa” a intimidade do poeta²⁹. Em entrevista a Gervásio de Paula, publicada n *O Povo*, de Fortaleza, em 1987, ele afirmou:

26. Moacyr Félix é também um teórico. HOHLFELT In: FÉLIX. *Antologia Poética*, p. 297.

27. Entrevista ao jornal Estado do Maranhão, em 1998, quando toma Marcuse e Adorno para afirmar que a arte é a negação da não-liberdade, e, portanto, da realidade. In: FÉLIX. *O Pensar e o Sentir na Obra de Moacyr Félix*, p. 85.

28. MARTINS. *Novas Leituras de Poesia*.

29. Dentre tantas referências, podemos citar frase escrita para a orelha do livro *Embarcado em Seco*, de Fernando Mendes Viana, de 1979: “o poema, enquanto criação cultural, somente através da subjetividade pode atingir o universo antropológico donde emerge o contexto social e histórico”. In: FÉLIX. *O Pensar e o Sentir na Obra de Moacyr Félix*, p. 31.

Falam muito hoje em poesia engajada. Necessidade do poeta voltado para o social. Eu sempre combati isso e costume dizer: saiam do apartamento, saiam pra rua, falem sobre o seu cotidiano, a coisa que te acontece, o trabalho, a mulher que você transa. Enfim, fale com quem indague você. No meu último livro *Em Nome da Vida*, digo isso bem claro e bem candente. Sem passar por certo subjetivismo, você nunca vai atingir aquela objetividade histórica que é necessária a toda obra de criação cultural. É passando por você que você chega ao outro. Eu sou muito contra o poeta engajado, o poeta dito social que as classes dominantes gostam muito [...]. Porquanto esteticamente acho que isso não é uma poesia válida.³⁰

Se, para citar alguns críticos, Carpeaux³¹, Secchin e Wilson Martins, em 1966, 85 e 93, já expressavam preocupações com o enquadramento que a ideia (antes mesmo que a noção) de engajamento pode provocar. Passada hoje uma década do seu falecimento, Félix parece expressar tão somente um sintoma da “sua” época. Porque “datada” a um contexto espaço-temporal pré-definido (ou mesmo temático, no interior daquele), sua obra aparece, por meio de operações interpretativas, através de fragmentos que confirmam e/ou corroboram o contexto pré-conceitualizado, aleijando partes fundamentais da complexidade de seu legado poético.

O “contextualismo”, como apontou o historiador intelectual Dominick LaCapra, ao tratar textos literários como

“documentos”, acaba promovendo leituras “ao redor dos textos”, escapando o historiador da qualidade de “leitor efetivo”³². Não se reduzindo à condição de “mero documento”, o objeto literário “obedece e ultrapassa” o seu contexto, como disse Adorno³³. Obedece porque é fenômeno, em última análise, histórico; mas ultrapassa porque “o todo social”, que o permite, media e sedimenta, é “em si mesmo contraditório”, como anotou o filósofo alemão; e porque, na poesia, como escreveu Rilke, “ultrapassar é obedecer”³⁴. Ou seja, porque o modo de ser histórico do objeto poético é a recusa (e/ou a dissimulação) à assimilação integral aos predicados hegemônicos de seu próprio contexto. Em outros termos, como escreveu Alfredo Bosi:

Glosando Pascal, pode-se dizer que o verdadeiro senso histórico zomba do historismo e, pondo-o em brios, exige que se abra, se alargue e se aprofunde tomando a sério a dinâmica interna de cada período com todas as suas nostalgias, angústias e expectativas. E qual a fase da história foi vivida só de instantes presentes, pura e abstrata contemporaneidade sem memória nem projeto, sem as sombras ou as luzes do passado, sem as luzes ou as sombras do futuro?³⁵

A indicação é especialmente interessante no caso de Félix por se tratar de “um lirismo desesperado nesta época de reificação total, pois o conteúdo de verdade de sua poesia está em relação direta e significativa com o seu conteúdo utópico”³⁶.

32. LaCAPRA. *Rethinking Intellectual History*, p. 14.

33. ADORNO. *Notas de Literatura I*, p. 67.

34. Trecho de um dos Sonetos a Orfeu, que diz: “Sua fala ultrapassa ‘o estar aqui’; // já está lá onde não há permanecer. / A grade da lira, suas mãos não a retêm. / Para ele – ultrapassar é obedecer”. Rilke. *Os Sonetos a Orfeu e Elegias de Duíno*, p. 23.

35. BOSI. *O Ser e o Tempo da Poesia*, p. 13.

36. LIMA. *Poesia e Utopia em Moacyr Félix*, p. 5.

Ou seja, por se tratar de uma poética que atravessa subjetividade e objetividade no bojo de memórias múltiplas, compartilhadas, herdadas, reinventadas, que buscam descortinar possibilidades de futuro obscurecidas pelo instante vivido. Sua poesia, como disse Carlos Lima, “move-se ainda no limite das promessas de felicidade de uma razão que sabe que a história não é uma rua de mão única, e que a utopia sinaliza o futuro no presente que ainda-não-é”³⁷.Grávida de futuros ausentes e passados pendentes, o presente da escrita poética é, como disse Bosi, “sem margens do tempo”, pois “contextualizar o poema não é simplesmente datá-lo: é inserir as suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional”.³⁸ As perguntas pelo ser do homem, pela liberdade, pelo amor, pelo tempo, insistentes em toda sua obra, devem inscrever o legado poético e intelectual de Félix num registro muito mais amplo que o da historicização oblíqua à qual parece ter sido submetido.

Porque a poesia não está na soma
e sim no tempo que é maior que o tempo
da vida medida entre doze números,
o poeta está solto por dentro dos relógios
e movimenta ponteiros que ninguém vê e onde
o incomensurável brinca
com os raios de sol ou as finas gotas de chuva
sobre o passar das árvores e dos animais e dos homens.³⁹

37. LIMA. Poesia e Utopia em Moacyr Félix, p. 6.

38. BOSI. *O Ser e o Tempo da Poesia*, p. 13.

39. FÉLIX. *Em Nome da Vida*, p. 32.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

BOURJEA, Serge. **Anthologie de la nouvelle poésie brésilienne**. Paris: L´Harmattan, 1988.

CARPEAUX, Otto Maria. Resenha de Um Poeta na Cidade e no Tempo. In: FÉLIX, M. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CHAGAS, Wilson. **Mundo e Contramundo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1972.

COUTINHO, Afrânio (dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (co-dir.). **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2011.

FÉLIX, Moacyr. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

_____. **Em Nome da Vida**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

_____. **Ênio Silveira**: arquiteto de liberdades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **O Pensar e o Sentir na Obra de Moacyr Félix**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil; Fundação Biblioteca Nacional, 20002.

_____. (org.) **Violão de Rua**. Poemas para a liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

HOHLFELDT, Antônio. Four Modern Brazilian Poets: Moacyr Félix, Ferreira Gullar, Affonso Romano de Santanna and Carlos Nejar. **Europe, Revue Littéraire Mensuelle**, n. 60, 1982.

_____. **Pelas Veredas da Literatura Brasileira**. Porto Alegre: IEL; EDIPUCRS, 1994.

LaCAPRA, Dominick. **Rethinking Intellectual History**. Ithaca; London: Cornell University Press, 1994.

LIMA, Carlos. Poesia e Utopia em Moacyr Félix. **Revista Letras & Letras**, v. 21, n. 2, 2005.

LUCCHESI, Marco. Orelha de livro. In: FÉLIX, M. **Introdução a Escombros**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MARTINS, Wilson. Novas Leituras de Poesia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 28 ago. 1993.

OLINTO, Antônio. **A Invenção da Verdade**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

_____. **Breve História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Ed. LISA, 1994.

PÉCAUT, Daniel. **Entre le Peuple et la nation**: Les intellectuels et la politique au Brésil. Paris: Ed. de la Maison des sciences de l’homme, 1989.

PEREIRA, Edmilson. Negociação e conflito na construção das poéticas brasileiras contemporâneas. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31, 2008.

PERRONE, Charles. **Seven Faces – brazilian poetry since modernism**. Durham: Duke University Press, 1996.

PICCHIO, Luciana. **La Littérature Bresilienne**. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.

PINTO, José Nêumanne (org.). **Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século**. São Paulo: 2001.

RILKE, Rainer Maria. **Os Sonetos a Orfeu e Elegias de Duíno**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ROLLAND, Denis; RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide. **L’intellectuel, l’État et la nation**: Brésil – Amérique Latine – Europe. Paris: L’Harmattan, 2006.

SECCHIN, Antônio Carlos. **Poesia e Desordem**: escritos sobre poesia & alguma prosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1985.

VALLETTEE, Alfred Louis Edmond. **Revue Mercure de France**, vol. 313, 1951.